

COLONIZAÇÃO E DOCTRINAÇÃO DA SEXUALIDADE INDIGENA

WILLIAM TAVARES ENGEL;
LUCIANE BOTELHO MARTINS

Universidade Federal de Pelotas – william-engel@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas – lucianebrmk@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intuito traçar um panorama dos primeiros momentos da colonização desta terra, vulgarmente chamada Brasil como cita GANDAVO (1578) e alertar sobre a doutrinação cristã, europeia e heteronormativa que reflete a cultura dos portugueses da era pré-colonial até os dias de hoje.

A colonização no Brasil, mesmo após cinco séculos, ainda traz os reflexos do povo que há muito, aqui resolveu (re)povoar. As marcas do Brasil Colônia sobrevivem até hoje e podemos ver descendentes nativos com sua cultura renegada e sua sexualidade rechaçada pelos próprios membros de sua tribo. Isso se dá pela herança colonizadora desses povos que foram obrigados a seguir os ideais de quem os doutrinou, escravizou e assassinou.

Autores portugueses como CAMINHAS (1500) e GANDAVO (1578) foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa. As perspectivas de mundo descritas pelos autores, foram cruciais para analisar como aqueles que vieram colonizar o Brasil viam os nativos desta terra e também para elucidar o sofrimento dos indígenas que em um primeiro momento tinham o colonizador português como bom vizinho.

Assim, a análise trabalha com a relação da discriminação de gays, lésbicas e transexuais (LGBTfobia) entre algumas tribos do século XXI e a discriminação que já existia no começo do século XVI. A partir disso, pode-se ter também uma visão melhor sobre como algumas culturas indígenas lidavam com sua sexualidade (naturalidade). Etnógrafos como Estevão Ernandes (2017) e Luisa Elvira Belaunde (2015) também trazem contribuições muito relevantes para pensarmos a posição da igreja e o preconceito sofrido pelos indígenas LGBT da atualidade e de séculos passados.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa através dos trabalhos desenvolvidos pelos autores ERNANDES (2015), BELOUNDE (2014), William CROCKER (2009) e Bruna FRANCHETTO (1996), referências na área da etnografia e pelos próprios correspondentes CAMINHAS (1500) e GANDAVO (1578) bem como as cartas-resposta dos reis portugueses, no primeiro século da descoberta.

Em um primeiro momento, a análise desses autores contribuiu com a construção de uma visão do colonizador sobre a população de nativos e a cultura nativa pré-colonial.

Depois de se ter a visão do Brasil quinhentista, se pode ter também através desses mesmos autores, a visão de como o Brasil seria repovoado e como a igreja teve papel importante no processo de doutrinação coercitiva dos indígenas

no que se refere aos conceitos de heteronormatividade, homogeneidade, e religião. Ao identificarmos o principal fator responsável pelas atitudes indígenas preconceituosas, as quais ainda são refletidas hoje em dia, pode-se através de pesquisadores etnógrafos traçar uma visão de como era a sexualidade dos nativos pré-colonização.

Por fim, pode-se cruzar as informações e analisar os culpados pela lgbtfobia congênita na cultura dos ameríndios do século XXI, assim como pode-se ter uma melhor visão de como foram os primeiros momentos da colonização da Ilha de Vera Cruz, como então era chamada o Brasil e de como esses povos foram responsáveis pelo crescimento desse país através de seu suor e sangue advindos do trabalho escravo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No começo da colonização, enquanto se via pela primeira vez a terra infinda que viria a se chamar Ilha de Vera Cruz e mais tarde, Brasil, os portugueses já julgavam o povo que ali encontravam. Assim que se deu o primeiro contato, os portugueses aproveitaram-se da bondade do povo “ingênuo” como Pero Vaz descrevia a dom Manuel. CAMINHAS (1500) em sua carta, descreveria os diversos momentos de aproveitamento para com os nativos e as tentativas de descobrir se a terra lhes renderia ou não frutos.

Entre os relatos pode-se encontrar diversas menções à natureza selvagem dos povos que na terra nova viviam, bem como sobre seus corpos nus que não escondiam suas vergonhas como relata Caminhas:

“A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, nem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.” (Caminhas, 1500, f.1verso)

Os portugueses possuíam um complexo de superioridade e falta de respeito com o desconhecido e isso fez com que pensassem que não havia crenças ou cultura nessa terra, assim, o lugar tornava-se o local perfeito para propagar a religião cristã através da doutrinação. A doutrina europeia/cristã dos portugueses logo viria a fazer parte da missão dos clérigos para com os povos descendentes das américas. Essa doutrina se tornaria uma “missão” da igreja em solo brasileiro, recém descoberto.

A sexualidade também não passaria despercebida pela moral da doutrina cristã-europeia do século XVI. Assim, além da masculinidade tóxica e de sua xenofobia, a homofobia teve seus principais sinais também nos primeiros anos de Brasil colônia. A imposição de uma cultura sobre a outra e a tentativa de supressão do que não era conhecido, fez com que traços culturais de algumas tribos fossem banalizados, como o caso das mulheres nativas que aderiam a castidade e eram tratadas como homem, se tornando até mesmo guerreiras da tribo:

“Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem mulheres, e cortam seus

cabelos da mesma maneira que os machos trazem, e vão à guerra com seu arco e flechas e à caça: enfim que andam sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve e que lhe faz de comer como se fossem casados.” (GANDAVO. 1578.P.70)

Não há dúvidas de que estes conceitos (certo e errado) dos portugueses viriam agregados à doutrinação cristã. Os pensamentos subjetivos de homofobia seriam eternizados na primeira carta de Pero Vaz sobre o descobrimento de Cabral, e isso viria a ecoar quase seis séculos depois na terra que, segundo Gandavo, vulgarmente chamamos de Brasil.

4. CONCLUSÕES

Preceitos culturais colonizadores são hegemônicos no século XXI. Culturas como a alemã, italiana e principalmente portuguesa fazem partes do nosso dia a dia. Mas, como colonizador, Portugal é o principal responsável pelos preceitos culturais e até mesmo morais que regem o Brasil do Século XXI.

Os ideais moralistas trazidos nas caravelas de Pedro Álvares Cabral e seus capitães trazem seus efeitos negativos desde o primeiro instante da colonização. Conceitos de machismo, xenofobia e lgbtfobia eram comuns e foram inseridos na cultura indígena de forma impositiva.

Hoje em dia, ainda se pode ver os reflexos da colonização cristã portuguesa, que desde o primeiro dia na nova terra já começava a propagar os ideais cristãos sobretudo o de certo e errado.

Assim, hoje, muitos descendentes ainda sofrem com conceitos do período colonial, muitos lgbts ainda são expulsos de suas casas e rechaçados por seus parentes e sua tribo. Isso se dá pela crença de alguns povos de que a homossexualidade e a transexualidade são um mal do homem branco e significarem uma perda da cultura que se encontra desde a colonização fragilizada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELAUNDE, Luisa Elvira. O estudo da sexualidade na etnologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Cadernos de campo, São Paulo, n. 24, p. 399-411, 2015.

CAMINHAS, Pero Vaz. Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil – Portugal – disponível em http://purl.pt/162/1/brasil/obras/carta_pvcaminha/index.html Acesso em 26 de ago. 2019.

CROCKER, William. Os Canela: parentesco, ritual e sexo em uma tribo da chapada maranhense. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

ERNANDES, Estevão. Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil. Etnográfica. Porto Velho (RO). Universidade Federal de Rondônia, Outubro de 2017.p 639-647.

FRANCHETTO, Bruna. Mulheres entre os Kuikuro. Revista de Estudos Feministas, n. 1, p. 35-54. 1996.

GANDAVO, Pero de Magalhães. Tratado da Terra do Brasil : história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 158 p. -- (Edições do Senado Federal ; v. 100)

JACOBS, Sue Ellen, Wesley THOMAS, e Sabine LANG (orgs.), 1997, Two-Spirit People: Native American Gender Identity, Sexuality, and Spirituality. Urbana, University of Illinois Press.

MESTRE, Marilza. Medo e memória: emoção e sociabilidade do final do século XX (1950-2000). Interação em Psicologia, Curitiba, v. 4, dez. 2000. ISSN 1981-8076. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3326/2670>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

MOTT, Luiz. "A homossexualidade entre os índios do Novo Mundo antes da chegada do homem branco". BRITO, Ivo et al. Sexualidade e saúde indígenas. Pp. 83-94. Brasília: Paralelo 15. 2011.

SISKIND, Janet. To Hunt in the Morning. Nova York: Oxford University Press, 1973.